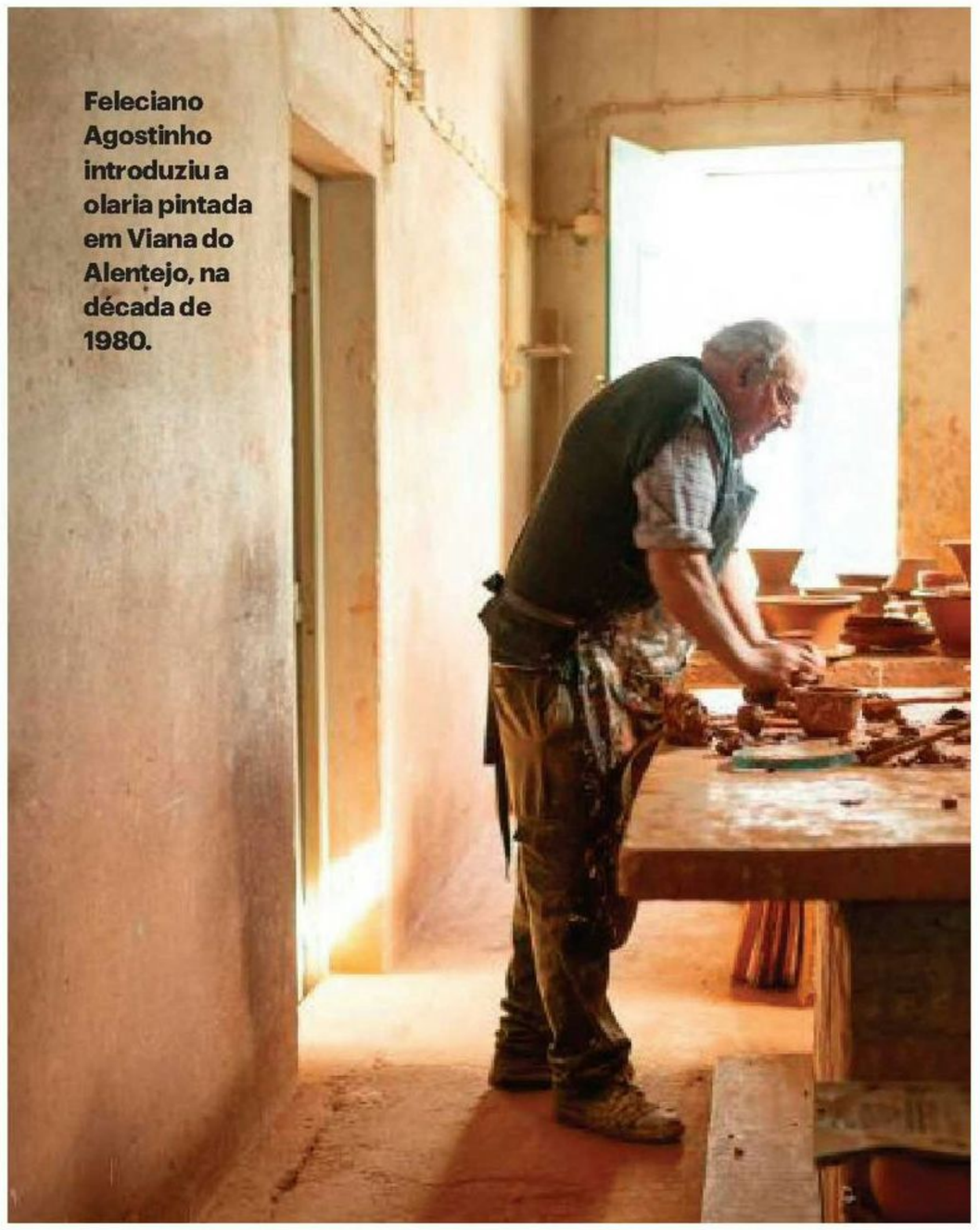
Inovar para sobreviver: oleiros e artistas unem-se para chegar a novos públicos

REPORTAGEM Ilustradores passaram uma semana em residência nas duas únicas olarias de Viana do Alentejo. Algumas das peças que pintaram serão produzidas e vendidas online e em lojas selecionadas. A iniciativa é da associação Passa ao Futuro cuja missão é juntar *designers* e artesãos e assim contribuir para a preservação das artes tradicionais.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**



Feleciano Agostinho introduziu a olaria pintada em Viana do Alentejo, na década de 1980.





Quatro criativos estiveram a trabalhar durante uma semana com os mestres oleiros Feleciano Agostinho e Feliciano Mira Agostinho em Viana do Alentejo. Carolina Celas, Célia Esteves, Claudia Lancaster e Nicolau aceitaram o desafio proposto por Astrid Suzano, cofundadora da associação Passa ao Futuro (*ver entrevista ao lado*) para transportarem a sua arte para as peças de olaria utilitária fabricadas por estes dois oleiros, pai e filho, cada um com a sua própria oficina. Das mais de 50 que já existiram em Viana do Alentejo, são as únicas sobreviventes, explica Feleciano Agostinho, de 82 anos, enquanto trabalha na roda.

"Foram desaparecendo, foram por outros caminhos para ganhar mais do que se ganhava na olaria, isto antigamente era tudo uma miséria", recorda. Quanto a si, nunca pensou em fazer outra coisa: "Não não, isto chega-me bem. Faço isto ainda hoje porque gosto, senão não estava aqui". Sobre a presença dos artistas na sua olaria, diz: "Gosto, pena é ser pouco tempo". E tem ajudado o negócio? "Tem sim senhora, muito, quanto mais vezes cá vierem, mais a gente vende".

Esta residência, diz Feliciano Mira Agostinho, 55 anos, traz "olhos diferentes, ideias muito frescas de artistas. Às vezes é preciso estar de fora para termos uma visão completamente diferente". Mais do que isso, acrescenta, "eu sou boa pessoa, como vocês podem reparar, mas não tenho nome suficiente para entrar em alguns sítios e vender por certos valores. Acaba por ser uma parceria que nos favorece e arranja-nos novos públicos". O oleiro decidiu sair da alçada do pai em 2004 e criou o seu próprio negócio no centro da vila.

Astrid Suzano acredita que este projeto é importante para os oleiros e que "vai ter imenso impacto, do ponto de vista financeiro, na produção as duas olarias". O primeiro contacto da arquiteta com os oleiros de Viana do Alentejo aconteceu em 2018 quando, juntamente com Fatima Durkee (falecida em 2022), estava a fazer um mapeamento das artes e ofícios portugueses. "E os dois, quando nós viemos cá, queixavam-se de problemas diferentes, mas basicamente que não estavam a conseguir vender como antigamente."

Foi então que sugeriram mudar a decoração das peças através da colaboração com artistas. O pai ficou um pouco reticente, mas nunca se opôs, lembra Astrid Suzano.

Não é a primeira vez que esta residência acontece, a primeira foi em 2021. "Foi a primeira edição e foi um sucesso. Chegámos a ir à Maison & Objet [feira internacional de *design* de interiores, em Paris], foi um público muito internacional e venderam-se muitas, muitas, peças", revela.

Na residência artística deste ano, que decorreu entre 9 e 14 de março, foram selecionadas cinco tipologias de peças: alguidares e vasos em dois tamanhos diferentes, o pousa colheres de pau e um prato. O pai faz os alguidares, e o filho as restantes peças. Os quatro criativos pintam-nas e "só quando saírem do forno, daqui a cerca de um mês, é que escolhemos as peças finais. Nós selecionamos as que fazem mais sentido do ponto de vista comercial", explica a líder da Passa ao Futuro.

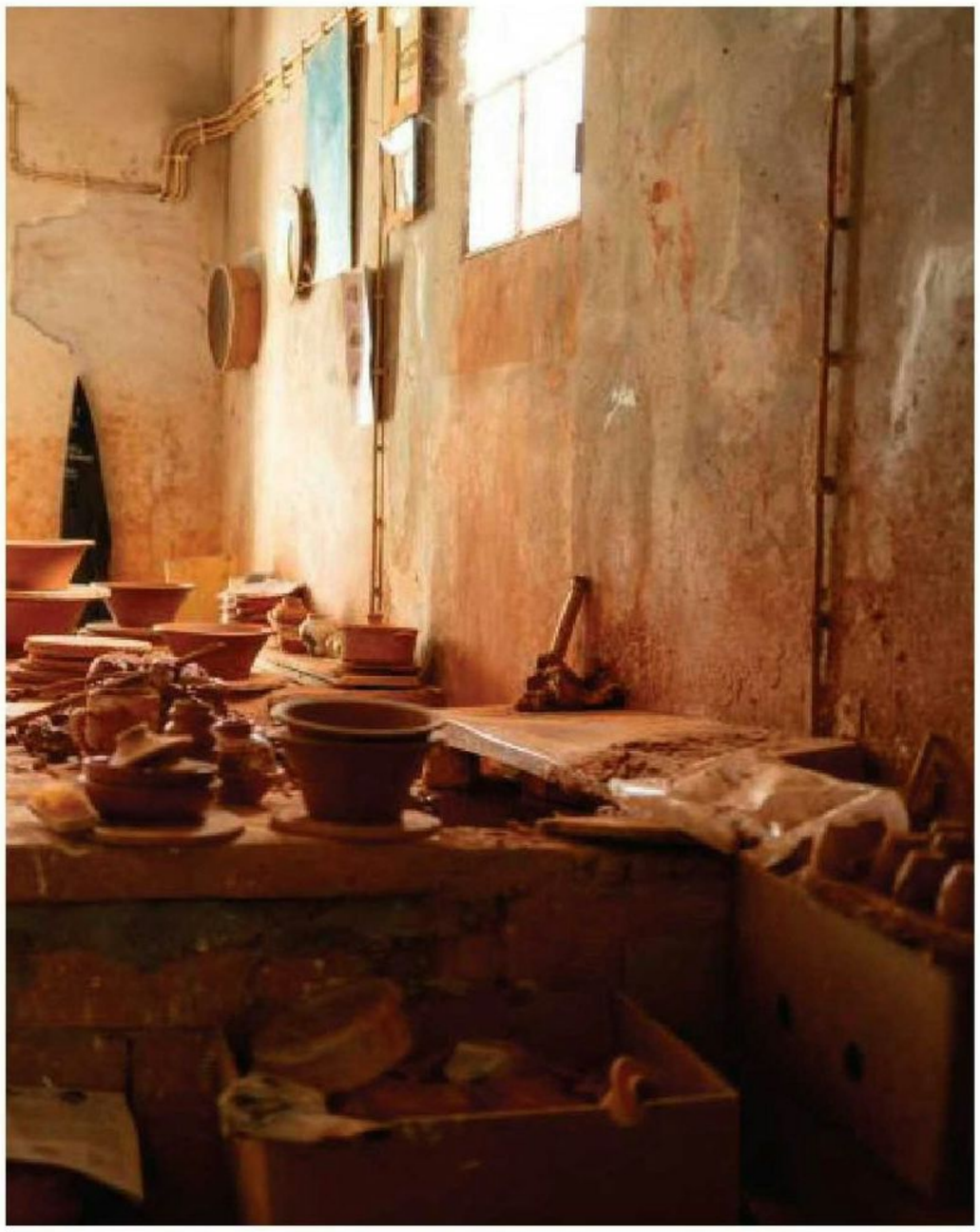
"Eles é que nos vão dizer quantas querem fazer. Porque também não queremos que eles trabalhem só para nós. Vão ser peças numeradas e quando acabar aquela edição, acaba", diz Astrid Suzano, adiantando que as loiças serão vendidas no *site* da Passa ao Futuro e também "numa boa seleção de lojas em Portugal, pelo menos duas ou três, já estamos a conversar, mas não está ainda fechado". Os artistas receberão *royalties* pelas peças produzidas.

Um elemento chave destas residências nas olarias é o diálogo dos artistas com as pintoras – tradicionalmente os homens produzem as peças na roda e as mulheres pintam-nas. São elas que depois vão ter de reproduzir os desenhos dos ilustradores.

"Já me deixaram o contacto deles para eu depois pedir informações", diz Rosa, a mulher de Feliciano, a pintora da olaria. "Eles fazem o que estão a imaginar, depois será um desafio para mim", aponta, enquanto os vê trabalhar nas peças. "Eles estão sempre a perguntar: acha que está difícil?". O mesmo desafio terão Mariana Almeida e Elisabete Francisco, as duas pintoras da oficina do mestre Feleciano.

Para os artistas, ilustrarem em cerâmica é um verdadeiro processo de aprendizagem. "As minhas ideias surgem todas muito da forma como eu desenho. E depois esse desenho encontra o barro, mas o barro tem várias particularidades, não é só pintar, pode ter várias camadas, tem condicionantes técnicas. O desenho vai conversando com o barro e vai ganhando forma", diz Nicolau.

"Eu tinha algumas ideias e depois quando cheguei aqui perce-





bi que nada funcionava muito bem", afirma Carolina Celas. "Acho que é normal, porque, na verdade, a técnica e a forma de pintar é mesmo diferente, porque as peças têm muito mais pó, são muito mais fundas e depois partem. Também temos de nos adaptar a isso".

E há a questão das cores. Depois de o barro ser cozido, as cores podem sair outras, aponta Claudia Lancaster. "É esta coisa meio surpresa, não sei o que vai acontecer. Até há uma peça em que eu usei azul e lilás, mas na peça é a mesma cor. Estou com receio de ficar tudo azul. Mas supostamente é um lilás e um azul, vamos ver."

Célia Esteves é a única do grupo que não é ilustradora, a sua experiência é outra, por isso a abordagem às peças foi diferente. "Eu queria raspar e só fazia a intenção de usar uma cor, o preto, e mantive isso na coleção, por isso não encontrei grandes dificuldades, enquanto que os meus colegas, que são ilustradores , trabalham mais com as cores e aí podem encontrar outros desafios, porque as cores mudam", aponta a criadora dos tapetes GUR.

Os ilustradores só vão conhecer o resultado das suas criações no dia 15 de maio, no âmbito do FICO – Festival de Ilustração, Criatividade e Olaria, que começou em 2022 em Viana do Alentejo, na sequência da primeira residência artística ali realizada.

As peças que forem escolhidas serão mostradas depois no Depozito, em Lisboa, a 27 de junho e lançadas comercialmente. No Porto serão expostas na It's a Book, a partir de 19 de setembro.

A jornalista viajou a convite da Passa ao Futuro

Astrid Suzano
"Está-se a voltar a dar palco ao artesão"

PATRIMÓNIO Criada em 2016, a associação Passa ao Futuro faz dez anos de atividade que celebrará com uma exposição no MUDE - Museu do Design no próximo ano.

A Passa ao Futuro nasceu na sequência de um mapeamento que as arquitetas Astrid Suzano e Fatima Durkee, as fundadoras, começaram a fazer dos artesãos em Portugal. Nesta altura, a associação já tem uma base de dados com mais de dois mil artesãos em Portugal. "Não os conhecemos todos, no entanto, já conhecemos muitos deles. E, por isso, já temos mapeados vários problemas de vários artesãos", diz Astrid Suzano ao DN. As fundadoras da Passa ao Futuro foram as curadoras da exposição *Um Cento de Cestos* que esteve patente de setembro de 2021 até recentemente no Museu de Arte Popular, em Lisboa, sobre a qual será publicado agora um catálogo.

Que balanço faz do impacto que a Passa a Futuro tem tido nestes dez anos?

Quando nós começámos, há dez anos, fomos bater à porta do Ministério da Cultura, do Turismo, de todos eles. E toda a gente nos disse, 'não queremos saber do artesanato, o artesanato morreu, agora o mundo é digital'. As pessoas pensaram um bocado e a verdade é que há agora muitos projetos, imensas marcas, há imensas mini Passa ao Futuro, o que é ótimo, não conseguimos fazer tudo sozinhas, quanto mais nós formos, e mais nos juntarmos, melhor é para todos. Por isso, acho que o saldo é positivo, efetivamente há uma diferença, desde que nós começámos até agora, até mesmo para nós, ao nível de projetos.

Fizeram agora a residência aqui em Viana do Alentejo, em que outros projetos está envolvida a Passa ao Futuro?

Fomos convidadas para fazer uma exposição no MUDE, no Museu do Design, precisamente na celebração dos nossos dez anos, e que será só em março do próximo ano. E no âmbito também desta exposição teremos diferentes momentos, estamos a negociar com o MUDE duas residências. E também talvez ter uma série de *workshops* abertos ao público. A ideia é mostrar uma boa seleção das coleções que resultaram das nossas iniciativas, em diálogo com a coleção do museu. E também enquadrar o papel do artesão que está um bocado ao serviço do *design*. O foco era sempre no *designer*, no arquiteto, nunca se sabia quem era o artesão. E depois isso começou a mudar um pouco. Nós dizemos sempre quem fez, quem produziu. Há sempre essa informação, que é muito transparente. Mostrar o papel do artesão no contexto do *design*. E está-se a voltar a dar palco ao artesão.

Nestes dez anos já trabalharam com que tipo de artesanato?

Já trabalhámos com cestaria, tecelagem, cobre, cortiça, madeira – na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva – latão, pele e couro, cerâmica, construção tradicional (tijolos de burro, mosaico hidráulico). Focamo-nos especificamente em ofícios que têm implicações utilitárias, que é diferente do mercado do *design*, da arte ou da moda, isso é outra coisa. Decidimos mesmo focar-nos em *design*, uma coisa mais de produto.

Há áreas ainda por explorar?

Nunca fizemos nada ainda com bordados e rendas. Quero muito trabalhar com o vidro, na Marinha Grande, temos tentado. Vamos agora fazer uma candidatura a financiamento para fazer umas residências na Marinha Grande, em parceria com uma universidade. Será para 2029.

Quais são os ofícios tradicionais mais em risco em Portugal?

Quando nos convidaram para fazer a exposição no Museu de Arte Popular, deram-nos um tema a escolher e nós acabámos por escolher a cestaria, porque tínhamos uma lista dos ofícios em risco de desaparecimento, e a cestaria está em número um, porque apesar de haver um grande número de artesãos cesteiros, são pessoas muito mais velhas. Na altura, a média de idade das pessoas a fazer cestaria era de 72 anos.

E há outros ameaçados?

Há coisas específicas, por exemplo, a olaria pedrada de Nisa está em risco, morreu há pouco tempo o oleiro. E depois coisas soltas, por exemplo, a tecelagem de lã, só há uma senhora que a faz, a D. Fátima, em Mirandela. O tipo de tapete que ela faz é único em Portugal. A arte pastoril, que é feita com madeira ou cortiça. É uma arte muito romântica, os pastores iam para o campo, faziam muitas peças para as namoradas, para pedir em casamento... Isso também está em risco, já não há pastores.



"Nunca fizemos nada ainda com bordados e rendas. Quero muito trabalhar com o vidro, na Marinha Grande, temos tentado."

Astrid Suzano
Co-fundadora da Passa ao Futuro